



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



AÇU, RN, 29 DE MARÇO DE 1996

Hoje, vou pedir licença às autoridades que estão aqui no palanque para subverter a ordem de citação. Nós, hoje, estamos aqui, numa cerimônia que não é de batismo, mas é de crisma: estamos confirmado a razão deste reservatório de água.

Começo, portanto, já que a festa é de crisma, citando o Arcebispo Dom Heitor Salles, cujo irmão é uma pessoa que tem relações comigo, que prezo imensamente e cujo livro eu li, sobre o Rio Grande do Norte, sobre educação de base, sobre a luta para organizar a população mais pobre, de modo que se pudesse, efetivamente, conseguir mudar as condições de vida desse povo.

Cito, portanto, em primeiro lugar, o Arcebispo Dom Eugênio. Cito Dom Ivaldo e cito Dom Expedito. E peço, agora, permissão àqueles que são a palavra de Deus na terra para que eu cite o poder temporal.

Governador Garibaldi, amigo, Governador corajoso, homem decidido, homem franco, homem simples, de palavras diretas, como eu gosto; Governador José Maranhão, que veio espiar aqui, por solidariedade e para saber o que o Presidente tem a dizer sobre

deixar a Paraíba de lado. Mas não vou deixar, não; Senhores Ministros que me deram o prazer da companhia: Ministro Krause, Ministro Cícero de Lucena, Ministro Paulo Paiva, Secretário Sérgio Amaral, da Comunicação Social, Senhores Senadores do Rio Grande do Norte.

Vou fazer, de público, um comentário que fazia, há pouco, em voz baixa, ao Governador e que fizera, no avião, aos meus Ministros: poucos estados podem se dar ao luxo de ter três senadores da categoria, do porte de Geraldo Melo, de Fernando Bezerra e de Agripino Maia. Poucos estados. Cada um deles pertence a um partido, mas todos estão unidos pelo bem do Rio Grande do Norte e pelo bem do Brasil. É nossa alegria tê-los, aqui, conosco.

Senhor Vice-Governador Fernando Freire, Senhores Deputados Federais, Estaduais, Prefeito de Açu, Lourinaldo Soares, Prefeito de Ipanguaçu, Eudson Paiva de Godoy, Senhoras e Senhores,

O essencial já foi dito. E foi dito pelos que me antecederam – Ministro Krause e o nosso Governador Garibaldi Alves. É uma alegria para o Presidente da República ver, diretamente, a realização daquilo que foi sonho, sonho meu também, que aprendi no interior, que aprendi na seca. E o Governador José Agripino Maia se lembrará, juntamente com o atual Governador Garibaldi Alves, que nós estivemos aí percorrendo – chegamos tarde do Ceará, era uma seca tórrida –, para verificar o que ocorre nessas plagas imensas, quando não chove. Desde aquela época, talvez antes, calou muito fundo em mim a necessidade da água.

A água é um bem essencial: água para beber – como diz a música –, além de água para irrigar, água que vai impedir que a família afixa veja tudo se estiolar e se mude, sabe Deus para onde, para viver, mais tarde, nas periferias das grandes cidades, sem condições de uma integração digna; água para gerar a eletricidade, água para permitir que a terra germine, mas, sobretudo, água para beber.

Impressionei-me profundamente e aprendi, lá em Petrolina, lá em Juazeiro, aquilo que aqui, no Rio Grande do Norte, já existe com muita força: que a terra irrigada é a terra que produz o produto que

rende, é a terra que dá emprego, é a terra que devolve ao homem a esperança de um futuro e dá dignidade à vida.

O tempo todo – o Ministro Krause sabe disso e o Dr. Paulo Renan também – eu me preocupo com a questão hídrica. Como disse o Governador Miguel Arraes hoje de manhã, com a ajuda dos meus Ministros, do Ministro José Serra – não porque eu queira atender à demanda de um deputado ou outro, não –, queremos ter projetos que se chamem de estruturadores, estruturantes, que organizem a vida na região, projetos que tenham significado de longo prazo, que sejam um processo. E me preocupo, não para termos o nome nas obras, porque as obras já foram de muita gente antes de mim, como disse o Governador Garibaldi; estamos apenas terminando obras que estavam paradas, algumas delas há dezenas de anos, lá no Norte, o Castanhão, no Ceará; hoje, em Serrinha; agora, aqui, em Pataxó. Tudo isso é coisa antiga, coisa paralisada. Paralisada sabe por quê? Pelo fisiologismo, pela incompetência, pelo clientelismo, pela incapacidade de uma visão mais religiosa dos problemas do Brasil. Hoje, não, governadores, deputados, senadores, Governo Federal, Presidente da República, estamos unidos. E vamos fazê-las.

Dentro de pouco tempo – no espaço de dois anos –, cerca de 50 obras que estavam paralisadas serão como esta de hoje, aqui: serão obras a serviço do povo da região. E haverá água para irrigar terras que não estejam concentradas nas mãos de um só, terras que são para o povo mais pobre também, porque esse povo precisa viver, precisa comer e continuar a agricultura de subsistência e de reforma agrária; e água que vai servir às propriedades do progressista que investe na tecnologia, mas vai servir também ao pobre, que não tem condição de colocar uma tecnologia avançada, mas que, pouco a pouco, vai tendo condições de avançar na vida. Vamos fazer as obras, vamos continuar essas obras todas.

Aqui tem, parada, mais de uma Baía de Guanabara. Clamava aos céus que, havendo tanta água, não houvesse tanta fome de água, tanta sede. Clamava aos céus, como clama aos céus, que não se tenha

terminado Castanhão, que é maior que Orós e que hei de terminar durante o meu mandato. Clamava aos céus.

Hoje, não é mais assim. Estamos terminando obras de que o Senado fez verificação e que apontou como velhas obras paradas. Nós retomamos essas obras com pouco recurso, porque recurso não temos; mas, com pouco recurso bem usado, retomam-se as obras.

O Governador da Paraíba pode ficar descansado que em Coremas e Mãe d'Água nós vamos chegar e até na Machado de Souza; e vamos repetir isso lá – não, como se tem insinuado, porque a bancada da Paraíba votou assim ou assado; sei lá como é que a Bancada da Paraíba votou. Sei que o povo da Paraíba tem sede e eu prometi, na campanha, que ia dar água, e vou dar, independentemente do que vatem. Nunca pedi para ninguém votar para ter água. Isso é uma infâmia não é contra mim, não: é contra a Paraíba, cujos representantes, quando pediram água, quando pediram ações enérgicas do Governo, pediram independentemente de tudo. E desde sempre pediram. E o Governo também vai atendê-las assim que possa. Já está atendendo, porque sabe que é necessário.

Esse é um outro Brasil, é o Brasil da dignidade, é o Brasil em que a decisão de fazer aqui ou ali depende de um estudo técnico.

Agora, eu quero dizer com toda a clareza, aqui, no Rio Grande do Norte, como disse em Pernambuco há pouco: determinamos efetivamente que os órgãos competentes do Governo levassem adiante o projeto do São Francisco. Determinamos que houvesse uma consultoria internacional para ver as consequências sobre o meio ambiente, porque isso não é matéria que possa ser decidida sem levar em consideração a preservação do meio ambiente.

Determinamos o ponto principal: água para beber. Isso é fundamental. Há de começar por aí: água para beber. Não é água simplesmente para gerar energia nem para irrigar. Água para beber. Essa água para beber será posta à disposição dos consumidores de outros estados, desde que estudos técnicos mostrem a viabilidade – como vão começar a mostrar – e desde que haja uma gestão competente, honesta e de apoio das Forças Armadas, porque elas podem nos aju-

dar na construção dessas obras – e isso barateia muito o custo. Será água para o povo beber, e não para alguém ganhar dinheiro através de obras, porque isso não me interessa.

Eu quis dizer isso no Rio Grande do Norte. Fiz questão de dizer claramente aqui. Antecipei, em Pernambuco, e reiterei categoricamente aqui no Rio Grande do Norte: vamos ter água que vai servir à Paraíba, que vai servir a Pernambuco, que vai servir ao Ceará e que vai servir ao Rio Grande do Norte.

Essas pessoas não podem mais ser enfocadas a partir do interesse pequeninho de um deputado da região ou de um ministro, nem podem ser enfocadas a partir do interesse de um estado, mas tem que ser de uma visão global. E temos que prestar atenção ao que vai acontecer, desde Goiás, Minas Gerais, Bahia – porque o rio São Francisco nasce lá e, se não o preservarmos nas suas fontes, não teremos condições de ter água abundante. Temos que prestar atenção a estudos sobre os efeitos que eventualmente possam ocorrer para essas regiões, porque todas elas são regiões do Brasil, e nós não vamos dar água para uns tirando de outros. Não! Haverá água na medida da abundância da própria água – e ela existe. Tenho certeza de que, com uma visão objetiva, técnica, moderna, será possível resolver essas questões.

Eu queria dizer a esse povo do Nordeste que a preocupação do Governo Federal, numa espécie de renascimento da idéia de Nordeste, tem a ver com as possibilidades que o próprio Nordeste já desenhou para si.

Não estamos aqui em terra arrasada, não estamos aqui para ensinar: estamos aqui para aprender, em uma terra que, há décadas, vem sofrendo – segundo o Ministro Krause, desde o tempo das jóias da Coroa, que o Imperador D. Pedro II daria de bom grado para terminar as obras contra as secas, mas parece que não foi possível. Hoje, não tem jóia alguma, mas o Tesouro tem um pouquinho de recurso, e esse pouquinho de recurso será posto à disposição para terminar essas obras.

Hoje, já sabemos o que é que temos que fazer aqui, porque os nordestinos nos ensinaram. E é com muito orgulho que eu, paulista

nascido no Rio de Janeiro e Presidente de todos os brasileiros, quero dizer que o Nordeste para mim é prioridade-fim, e é prioridade porque a minha prioridade é combater a pobreza.

Hoje de manhã, o Deputado Osvaldo Coelho me deu um título que me deixou muito emocionado: disse que eu era o inimigo número um da pobreza por causa do Real. Eu gostaria de ser também, aqui no Nordeste, não o número um, mas um de mãos dadas com todo aquele grupo de pessoas que vai mudar as condições do Nordeste, dando melhores condições de vida para a população.

E essas condições vão desde o mais elementar da vida propriamente dita, através da água, passando pelo médico da família, passando pelo apoio que o Banco do Nordeste está dando à pequena empresa, ao pequeno empresário, à família, ao indivíduo que precisa mesmo gerar alguma ocupação; e vai atingir o sistema educacional, porque está lá, no Congresso, um projeto da maior importância, que vai fazer com que o salário dos professores seja de, no mínimo, 300 reais.

E, lá no Sul, quantos me disseram: "Mas, meu Deus! 300 reais? O senhor não se envergonha?"

Perguntem aqui quanto ganha o professor na escola primária, e vão ver se 300 reais não é o triplo do que ganham, quando não é mais do que isso. Não dá para olhar o avanço que se faz na região mais pobre com a ótica do rico, porque, se eu prometer aqui que vou dar mil reais, estarei mentindo, porque o Brasil não agüenta; mas, 300 reais, agüenta. Agüenta. E o Governo Federal vai complementar os recursos dos governos estaduais, porque educação é mais importante do que tudo, depois da água e da comida; mais até do que a saúde, porque quem é educado sabe se defender melhor para ter melhores condições de saúde. Então, é isso que nós vamos fazer.

Ao mesmo tempo em que estamos, aqui, inaugurando uma obra física, estamos fazendo algo mais importante do que isso: a mudança do sistema educacional, para que todos os brasileiros tenham educação digna, o professor seja motivado, possa ensinar, ter melhor treinamento à distância, através da TV, e melhor salário e ef-

tivamente se dedicar, com um pouco mais de tranquilidade, aos seus afazeres diários.

O que vamos fazer também – já estamos fazendo – é renovar as obras de infra-estrutura, de saneamento básico, que estão no Prodetur. Com a sugestão do Ministro Serra, que acatei, mandei que o BNDES desse os recursos de contrapartida, porque há recursos parados à disposição do Brasil no Bird há muitos anos – e sobre os recursos parados nós pagamos um imposto, um pedágio –, e os governos estaduais não têm condições, porque não têm recursos para a contrapartida.

Precisamos mudar a sistemática. Hoje, os recursos da contrapartida serão do Governo Federal. Mais ainda: agora, no Japão, tentamos convencê-los de que equilibraremos as finanças, e as agências japonesas de desenvolvimento devem colaborar também. Alguns recursos já vieram nesse sentido – como recurso de contrapartida. Assim faz o Bird e fazem também algumas agências japonesas a longo prazo, para que possamos realizar as transformações de que o Brasil necessita.

E não vamos parar por aí, não. Não é só turismo, não. Não é só irrigação, não. Não é só água, não. Isso já é muito, já é bastante. E turismo é emprego, turismo é infra-estrutura, é saneamento básico, é água encanada. É isso que se faz também no Prodetur, para os que não sabem. Não é construção eventual, não: é dar as condições para o morador ser solidário, para atrair o turista.

Vamos, também, fazer um esforço grande para sentar as bases de um setor industrial mais pujante do Nordeste. Eu pedi, no Japão, que a indústria de automóveis que eles se dispõem a trazer para cá toque para o Nordeste. Eu não disse para qual Estado, porque não quero entrar em briga doméstica, mas pedi que viesse para o Nordeste. Se conseguirmos uma indústria que seja, multiplicam-se as outras que vão fazer autopeças e as que possam distribuir para os outros Estados. E isso gera empregos, muito mais do que indústrias ultramodernas, que muitas vezes são enganadoras quanto a seu impacto sobre o emprego.

Enfim, nós temos um programa que está ainda em plenário.

Quero terminar estas palavras – e me perdoem por ter falado tanto, para dar satisfações ao povo do Nordeste e aos dirigentes do Nordeste – dizendo que um projeto efetivo para o Nordeste, de maior dinamismo, está sendo feito pelos Senadores do Nordeste, em cooperação com os Governadores do Nordeste, que espero que se estenda aos Deputados do Nordeste, para que possamos agir, então, no momento adequado, Senhor Prefeito de Natal – que não citei porque não o tinha visto, aqui, meu companheiro de partido.

Espero que tenhamos isso na mão e eu possa vir à Sudene, ou onde esteja – espero que na Sudene –, não para programar o que está programado, pois não adianta nada repetir obras, mas para o que estamos fazendo. Nós precisamos mudar a cabeça, a minha, em primeiro lugar, que tenho que aprender com vocês o que é necessário. Mudando a minha, pela ação dos senadores, governadores e demais parlamentares, nós temos que mudar a cabeça dos empresários e fazer com que a sociedade nordestina sinta como coisa sua uma proposta que é de dignificação da vida no Nordeste.

Tenho certeza absoluta de que não há de ser através do meu mandato que nós aqui temos que atingir isso. Como disse Governador Garibaldi Alves, isso vem de outros mandatos e seguirá pelo Brasil afora, o que é fundamental. E a isso eu agradeço.

Para concluir, peço que este povo do Nordeste, homens e mulheres, muita gente sofrida que vejo pelos caminhos que percorro, muita gente humilde, acredite na vida, acredite em si mesmo, acredite que tem que se organizar, acredite que é preciso votar corretamente. Separem o joio do trigo, ajudem quem quer fazer as coisas corretas; critiquem quando estejam equivocados, reúnam-se, mas dêem força uns aos outros, dêem todos as mãos uns aos outros, porque, se esse povo estiver firme, se esse povo tiver a energia que tem e que hoje resplandece, eu não tenho dúvida – não é, Heitor? – de que nós vamos conseguir. Porque, para essa crise, que não é de hoje, esta confirmação de hoje vai surgir pelos tempos afora, para dizer que este é um povo, só que unido em Deus.